

A Filosofia diante do tecnicismo da sociedade de informação

Renato Nunes Bittencourt (Doutorando em Filosofia do PPGF-UFRJ / Bolsista do CNPq)

Esta comunicação reflete algumas das minhas experiências como professor do departamento de Filosofia do Colégio Pedro II – Unidade São Cristóvão, entre 2006-2007, a partir da qual pude desenvolver uma compreensão apurada da recepção da atividade filosófica no ensino médio brasileiro, mais precisamente na nossa realidade carioca. Por mais que a instituição fornecesse uma série de recursos pedagógicos que viabilizaram o desenvolvimento de uma atividade discente satisfatória em relação aos meus projetos pessoais, é evidente que os estudantes, em decorrência do espírito tecnicista de nossa época, acabam por sofrer pressões sociais, seja dos familiares ou do mercado de trabalho, para que orientem suas vocações pessoais para a prática de profissões que supostamente garantirão em curto prazo de tempo o sucesso e o enriquecimento individual. Todavia, de que adianta se escolher uma determinada carreira profissional se porventura ela não prometer uma garantia de felicidade e auto-realização pessoal? A nossa sociedade tecnicista, em decorrência dessa orientação utilitarista das suas disposições valorativas, abre mão da busca por uma felicidade realmente satisfatória, em prol da concretização de um bem-estar material imediato, que se revela posteriormente como um engodo. O ensino de Filosofia, nesse contexto social, se encontra numa situação polêmica, pois há o preconceito de que é uma disciplina que não serve para “nada”, em decorrência da suposta utilidade profissional das demais disciplinas oferecidas na grade curricular do colégio. É inadequado pensar que a filosofia se diferencia das demais disciplinas por propor uma espécie de compreensão ontológica sobre o mundo, todavia, é fato que o seu eixo axiológico é distinto do operado pela matemática, por exemplo. Inclusive, mesmo na dimensão prática da vida escolar, muitos estudantes expressam a opinião de que as disciplinas ditas exatas não são de forma alguma apazíveis, mas, por uma necessidade de adequação ao jogo insano dos cursos de vestibular, se encontram diante da obrigação de direcionarem suas capacidades intelectuais para o estudo exaustivo e acrítico essas disciplinas que, estatisticamente, são as determinantes na aprovação dos candidatos dos exames de vestibular. Em decorrência das transformações dos paradigmas da educação nacional nas últimas décadas, percebe-se cada vez mais o ensino dos jovens como uma atividade informativa, e não de fato educativa, pois o cultivo de uma genuína formação pessoal e intelectual, que exige disciplina e paciência, deram lugar a uma necessidade urgente de transmissão de conteúdos, sem que o estudante tenha a capacidade psíquica de assimilar adequadamente tais informações. A educação dos jovens se torna meio para a realização de um fim pragmático, e não um instrumento de cultivo da cidadania e do desvelar do seu verdadeiro potencial humano. Uma educação que, ao invés de auxiliar no processo de formação do ser humano, se torna mera informação. A Filosofia, inserida no ambiente educacional, serve como instrumento de reflexão sobre os rumos pelos quais a nossa sociedade optou seguir, dissecando as nuances ideológicas que determinaram cada vez mais o empobrecimento pessoal da capacidade crítica do estudante diante da lógica de mercado.